

Impactos da Literatura na Formação em Comunicação¹

Mei Hua SOARES²

Faculdade Cásper Líbero

Resumo

Fruto de etapas de uma pesquisa sobre Literatura e Comunicação, o texto pretende abordar o impacto que a leitura de textos literários pode ocasionar na formação de comunicadores(as) em habilitações do curso de Comunicação Social. Tomando como principal referencial teórico os ensaios do crítico e semiólogo francês Roland Barthes, principalmente a distinção entre *escritor* e *escrevente* por ele salientada, visa-se a tracejar paralelos entre o ofício do *escritor-escrevente* e o do comunicador, bem como refletir sobre os possíveis elementos engendrados pela literatura na leitura e na escrita dos envolvidos.

Palavras-chaves: literatura; comunicação; leitura; escrita; formação.

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.

*Carlos Drummond de Andrade (trecho
de “O lutador”)*

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! Ser *gauche* na vida.

*Carlos Drummond de Andrade (trecho
de “Poema de sete faces”)*

Olhando de fora, através de uma janela
aberta, nunca se vê tantas coisas como
quando se olha por uma janela fechada

*Charles Baudelaire (trecho de “As
janelas”)*

¹ Trabalho apresentado para o GP Comunicação e Educação, no XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora e Mestra em Educação e Linguagem pela FE-USP. Professora do curso de Comunicação Social da Faculdade Cásper Líbero. Pesquisadora da linha de estudos Produtos midiáticos: Jornalismo e Entretenimento, do Centro Interdisciplinar de Pesquisa (CIP) mantido pela mesma Fundação.

A leitura esteve e está presente no percurso estudantil, docente e de vida. Apesar da imprecisão de seu alcance enquanto elemento formativo nos processos de aprendizagem e constituição do sujeito, talvez seja possível mensurá-la a partir de nossas próprias experiências de leitura. Há a leitura utilitária, técnica, pragmática. A leitura de prazer, a de fruição, a que convida para a evasão ou prepara para os embates. O amplo leque de possibilidades de leitura, de relações e desdobramentos que se estabelecem a partir delas, fornecem pistas de seu valor. É perceptível, no entanto, o quanto ainda é complexa a sua introdução e incerta a manutenção de práticas de leitura, seja na escola básica, seja no ensino superior.

Em diálogos sobre livros, leitura e formação com docentes de diferentes habilitações do curso de Comunicação Social da faculdade paulistana Cásper Líbero, é recorrente a percepção da preferência, entre discentes, por leituras mais “palatáveis”³, o que de modo algum deve ser desconsiderado ou desmerecido. *Best-sellers*, romances devoráveis, livros escritos com linguagem acessível têm seu lugar no universo da leitura e devem ser respeitados uma vez que fazem parte e pavimentam os diferentes percursos de leitura dos leitores e leitoras. No entanto, o que gostaríamos de esmiuçar nesse estudo é se a leitura de textos mais densos, talvez canônicos, considerados pertencentes a uma suposta esfera literária, (ainda) têm vez e lugar e, se de algum modo, quando realizadas em aulas destinadas à formação de comunicadores, impulsiona não só a leitura, mas também sua escrita:

O problema não é tanto o de considerar como não leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola, mas também sem dúvida por inúmeras outras vias, a encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a norma

³ A respeito do controverso assunto, o ensaísta e editor Alberto Manguel salienta: “Boa parte do público leitor é treinado a esperar certa espécie de livro ‘confortável’ e, pior ainda, a lê-lo de um certo modo ‘confortável’, voltado para as descrições curtas, padrões de diálogo copiados das *sitcoms* televisivas. Nomes de marcas conhecidas e tramas que, por mais que se emaranhem, não são nunca ambíguas ou complexas. O filósofo alemão Axel Honneth, valendo-se de um termo cunhado por Georg Lukács, chama esse processo de *reificação*. Por *reificação*, Lukács referia-se à colonização do mundo da experiência por generalizações unidimensionais provenientes das regras da troca comercial: a *reificação* não cria valores e identidades por meio de histórias imaginativas, mas meramente segundo o que se diz que uma coisa custa e o que se está disposto a pagar por ela” (MANGUEL, 2008, p.118). Já Antonio Candido, em “O direito à Literatura”, defende um conceito de Literatura mais abrangente: “Chamarei de Literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis de produção escrita das grandes civilizações” (CANDIDO, 2013 [1988], p.176).

escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão de mundo, as maneiras de sentir e de pensar. (CHARTIER, 1999, p.104)

Certamente esse assunto repousa em terreno bastante arenoso, uma vez que é difícil afirmar categoricamente o que contribui para uma escrita potente de modo geral. Por vezes, o que funciona para alguns, pode não funcionar para outros. Não se pretende, portanto, prescrever fórmulas ou buscá-las entre as práticas de ensino dos docentes. Os estímulos são variados quando o assunto é leitura e escrita. Mas, acreditando ser possível detectar pistas do que pode consistir em elemento de formação e de referenciação, pretendemos dar enfoque à literatura como elemento que poderia impulsionar a escrita de futuros(as) comunicadores(as).

O presente texto faz parte de uma pesquisa (ainda em andamento) subsidiada pelo Centro de Pesquisas Interdisciplinares (CIP) da Faculdade Cásper Líbero e posteriormente apresentará suas conclusões e resultantes finais. No momento da escrita desse artigo, a etapa de pesquisa consistia na coleta de informações, por intermédio de entrevistas junto aos docentes da Fundação, sobre os percursos de leitura, mais especificamente de textos literários, trilhados por professores(as) de Comunicação Social (habilitações em Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Rádio, TV e Internet da Faculdade Cásper Líbero) considerados impactantes em sua formação enquanto profissionais e docentes de Comunicação. Por intermédio de diálogos, de rememoração do contato com os primeiros textos de literatura, da aversão ou da empatia por determinadas obras ou autores (as), pretende-se traçar um breve panorama sobre a formação de leitura dos envolvidos (as) e suas implicações na escrita.

A formação literária é necessária?

Considerando-se o contexto contemporâneo fundamentado no avanço incessante de novas tecnologias, de conhecimentos e difusão de saberes em rede, de acesso a quantidades volumosas de informação ininterrupta, de hipercultura universal ou cultura-mundo (SERROY e LIPOVETSKY, 2011), a literatura ainda pode se revelar atraente enquanto prazer, fruição ou aquisição de conhecimentos? É sabido que o tempo da leitura literária é diferente do tempo da leitura de outros gêneros textuais mais pragmáticos (REZENDE, 2013); (SOARES, 2013). Ter acesso a esse “outro tempo”, a esse outro ritmo e

lugar provenientes da leitura de textos que provocam deslocamento de percepções ou estranhamentos poderia oferecer implicações no modo de recepção e de produção de profissionais e estudantes da área de Comunicação?

Seria possível detectar se a literatura fornece subsídios efetivos para auxiliar nos rumos profissionais dos futuros comunicadores ou para pôr em xeque contradições inerentes ao mundo do trabalho? Partimos do princípio de que a literatura pode ser grande aliada na formação humana do sujeito. Mas e quanto à sua contribuição para a área profissional, isso se confirmaria? Que relações podem ser estabelecidas entre a leitura de literatura e a formação dos docentes e profissionais de Comunicação? Como se dão as leituras literárias (e não literárias) entre os envolvidos? Elas foram necessárias para uma formação universitária satisfatória? Elas continuam acontecendo? Se sim, de que maneira e em que suportes ocorrem (livros, e-books, PDF, audiolivro)? As leituras literárias realizadas acontecem solitária ou coletivamente? Que práticas de leitura podemos encontrar na educação formal (para suprir demandas do trabalho e do exercício docente) e informal (leituras literárias realizadas fora do contexto profissional: em casa, em grupos de estudo, em outros contextos)? A literatura pode efetivamente consistir em instrumento de formação social, cultural, política? Se sim, como, em que medida?

Antonio Candido, em conhecido artigo escrito a partir de explanação por ele proferida em 1972, “A literatura e a formação do homem”, enumera aporias a respeito da transformação da literatura em ferramenta de educação moral enfatizando o seu caráter independente e afirmando que a literatura “para além do bem e do mal, educa porque faz viver” (CANDIDO, 1972). Segundo Candido, a literatura não estaria a serviço da educação. Entretanto, atenderia à necessidade de ficção e de fantasia que o mesmo autor defende ser latente em todo ser humano.

Umberto Eco, ao discorrer acerca das especificidades e encaminhamentos da literatura e ao mencionar o impacto das personagens de ficção, aponta também para o fato de que, apesar de não ser prioridade na vida dos sujeitos em geral, sem a literatura, o mundo seria bem menos humano⁴. Candido também defende a tese de que a literatura (lado a lado

⁴ “(...) nem eu seria idealista a ponto de pensar que às imensas multidões às quais faltam pão e remédios, a literatura poderia trazer alívio. Mas uma observação eu gostaria de fazer: aqueles desgraçados que, reunidos em bandos sem objetivos, matam jogando pedras dos viadutos ou ateando fogo a uma menina, sejam eles quem foram afinal, não se transformaram no que são pelo *newspeak* do computador (...), mas porque restam excluídos do universo do livro e dos lugares onde, através da educação e da discussão, poderiam chegar até eles os ecos de um mundo de valores que chega e remete a livros” (ECO, 2003 p.12).

com as demais artes) deve ser considerada um *bem incompressível*⁵, ou seja, indispensável à vida, uma vez que, segundo ele, todos necessitamos de doses de fantasia e de ficção para sobreviver e para nos reconhecermos enquanto seres humanos (CANDIDO, 2013 [1988]). Além disso, Candido toca em questão fulcral ao alçar a literatura ao patamar dos bens inalienáveis, pois põe em evidência o fato de que considerar a literatura e as demais artes e manifestações culturais supérfluas às camadas mais pobres, faz com que seja reafirmada a sua permanente exclusão⁶ da cultura letrada e dos campos simbólicos de poder.

Já Tzvetan Todorov, o historiador e ensaísta búlgaro, ressalta a literatura como fator de humanização. De acordo com o autor, a literatura opera transformações a partir de modificações sensíveis internas ao sujeito leitor. Além disso, assim como Eco, enfatiza o caráter didático que a literatura pode envolver⁷:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2012, p.76)

Nosso intuito não é (embora possa aparentar) defender a literatura como obrigatória nos cursos de Comunicação. Ela não chega sequer a constar na grade disciplinar dos cursos. Trata-se de entender se a leitura efetiva de textos literários pode consistir em possível ferramenta pedagógica formativa ou contribuir para que as dimensões estética, estilística e poética (em diálogo com a dimensão política, social, cultural) sejam contempladas na formação do sujeito, no caso futuros (as) comunicadores (as). Dentre tantas outras possibilidades metodológicas e didáticas, a literatura, com suas “exigências” de recepção (esforço cognitivo diante do formato “antiquado” em comparação com a imagem ou com as

⁵ “Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas. Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar, mesmo quando pensamos nos que são considerados indispensáveis” (CANDIDO, 2013, p.175).

⁶ “O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social, não é para outra” (CANDIDO, 2013 [1988], p.175).

⁷ “A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana. Nesse sentido, podemos dizer que Dante ou Cervantes nos ensinam tanto sobre a condição humana quanto os maiores sociólogos e psicólogos e que não há incompatibilidade entre o primeiro saber e o segundo” (TODOROV, 2012, p.77).

sinestésias digitais; necessidade de concentração; inserção em tempo e ritmo diferenciados; adequação à linguagem poética e literária, ao vocabulário por vezes rebuscado, às inversões sintáticas etc.), ainda pode consistir em elemento de relevância formativa?

Já adotando um viés mais pragmático – sem querer reduzir a literatura à função estritamente tecnicista –, seria interessante buscar informações e subsídios que permitam entender se a literatura poderia, direta ou indiretamente, colaborar para a aquisição, por parte dos comunicadores (docentes e discentes), de possibilidades criativas, efeitos de linguagem, de perspectivas reflexivas mais densas também alcançadas por intermédio da formação de leitura literária. Que efeitos poéticos podem ser tornados familiares (a ponto de serem incorporados em suas próprias produções escritas, imagéticas, sonoras etc.) a partir da leitura de literatura? Metáforas, gradações, metonímias, eufemismos, variações linguísticas e estilísticas de linguagem, diversidade lexical, traquejo no uso de tipologias textuais variadas (narração, descrição, argumentação, injunção) e no trânsito por diferentes gêneros discursivos são sintomáticos de quem lê e produz textos literários. Certamente existem exceções, mas, em geral, é comum que a leitura de bons textos (de textos significativos) resulte em parâmetro para a escrita e produção textual própria.

Mediante os primeiros dados colhidos a partir das entrevistas, é possível depreender que a maior parte dos(as) entrevistados(as) vê na literatura uma importante ferramenta pedagógica embora reconheçam que ela não se resume a isso. Impressões gerais a respeito dos discentes que mais leem textos (literários e não literários) também foram relatadas e, de modo geral, existe a percepção de que conseguem realizar reflexões mais aprofundadas acerca de diferentes assuntos, apresentam uma escrita mais precisa e consistente, melhor repertório cultural, textos mais criativos. Mas também foi mencionado que são poucos (as) os (as) que anteriormente leram textos canônicos e que, mesmo na faculdade, existe certa relutância em se ler uma literatura mais “exigente” (aquela que encerra concentração, esforço, empenho e traquejo por parte do leitor). Nessa primeira análise de informações, seria possível afirmar que a formação literária, embora não seja imprescindível para a formação em Comunicação, se apresenta como um mecanismo de impulso, uma mola propulsora, para a leitura, a escrita e para a formação mais ampla.

Recorrendo a Roland Barthes: comunicadores *escritores* ou *escreventes*?

“Escrever não é afirmar, é espantar-se”. Com essa afirmação, Roland Barthes – escritor, crítico literário, semiólogo e filósofo francês – anuncia algumas especificidades

que, segundo ele, configuram o ato de escrever. Influenciado pela escola estruturalista, especialmente pelos estudos do linguista Ferdinand de Saussure, Barthes desenvolveu estudos semióticos, críticos, reflexivos a respeito de obras literárias e da própria atividade crítica e discursiva.

Alguns de seus ensaios e entrevistas concedidas, compilados no livro *Crítica e Verdade*, forneceram subsídios para pensarmos no papel da literatura e sua influência na escrita de comunicadores, principalmente o conceito de *escritor* e *escrevente*⁸ que utilizaremos a seguir.

A princípio, pretendíamos utilizar como referencial teórico os textos da Estética da Recepção (Escola de Constança). No entanto, diante das informações coletadas durante a pesquisa de campo, a perspectiva estruturalista se revelou mais pertinente à análise e posterior recorte que imprimiremos à pesquisa.

Assim como no poema de Carlos Drummond de Andrade, em que as palavras parecem ter vida própria – envolvem, seduzem, iludem, enlouquecem e escapam fugidias para angústia do escritor –, Barthes, no ensaio “Escreventes e escritores” também confere à palavra um estatuto quase autônomo, além de ressaltá-la como veículo, Barthes alça a palavra – e, por extensão, a literatura – a um patamar acima do real ao mesmo tempo em que salienta o caráter questionador e aberto da literatura:

A palavra não é nem um instrumento, nem um veículo: é uma estrutura, a cada vez mais nos damos conta disso; mas o escritor é o único, por definição, a perder sua própria estrutura e a do mundo na estrutura da palavra. Ora, essa palavra é uma matéria (infinitamente) trabalhada; ela é, de certa forma, uma sobre-palavra, o real lhe serve apenas de pretexto (para o escritor, escrever é um verbo intransitivo); disso decorre que ela nunca possa explicar o mundo, ou pelo menos, quando ela finge explicá-lo é somente para aumentar a sua ambiguidade (...). (...) a literatura é sempre irrealista, mas é esse mesmo irrealismo que lhe permite frequentemente fazer boas perguntas ao mundo – sem que essas perguntas possam jamais ser diretas: tendo partido de uma explicação teocrática do mundo, Balzac não fez outra coisa senão interrogá-lo. (BARTHES, 2013, pp.33-34)

Como cerne desse ensaio, o crítico e filólogo apresenta ao leitor a distinção entre o *escritor* e o *escrevente*. O primeiro consistiria em um ser “intransitivo”, ao passo que o segundo envolveria traços de “transitividade”. Pode-se perceber certo grau de

⁸ Embora constem em alguns lugares os termos *autor* e *scriptor* (que correspondem respectivamente aos termos *escritor* e *escrevente*) optamos por fazer uso da terminologia traduzida do francês por Leyla Perrone-Moisés para a edição publicada pela editora Perspectiva.

hierarquização nessa conceituação esboçada pelo autor: o *escritor* seria aquele cujo trabalho com a Palavra (com “P” maiúsculo) encerraria um fim em si mesmo, um fim, diga-se de passagem, envolto em aura sublime e enigmática, uma vez que nada responderia, apenas lançaria perguntas. Já o *escrevente* faria uso da palavra (com “p” minúsculo) para outros fins; sua atividade e trato com as palavras seria de ordem teleológica, o que parece denotar uma espécie de apropriação menor da palavra:

(...) o escritor é um sacerdote assalariado, é o guardião, meio respeitável, meio irrisório, do santuário da grande Palavra (...), uma espécie de Bem nacional, mercadoria sagrada, produzida, ensinada, consumida e exportada no quadro de uma economia sublime de valores. (...) Os escreventes, por sua vez, são homens “transitivos”; eles colocam um fim (testemunhar, explicar, ensinar) para o qual a palavra é apenas um meio; para eles, a palavra suporta um fazer, ela não o constitui. Eis pois a linguagem reduzida à natureza de um instrumento de comunicação, de um veículo do “pensamento”. Mesmo se escrevente concede alguma atenção à escritura, esse cuidado nunca é ontológico: não é preocupação. O escrevente não exerce nenhuma ação técnica essencial sobre a palavra; dispõe de uma escritura comum a todos os escreventes, uma espécie de *kóine*, na qual se pode, é verdade, distinguir dialetos (...), mas muito raramente estilos. (BARTHES, 2013, p.36)

Relativizando o dogmatismo da diferenciação, poderíamos utilizá-la para pensar nas nuances existentes entre uma escrita preocupada com a forma, com uma estética e estilo específicos, descompromissados de atender a outras finalidades que não o trato com as palavras, sintagmas e seus efeitos e outra que visa a outros fins, a escrita instrumental. Para nosso estudo, gostaríamos de igualar em importância ambas as escritas, ambos os ofícios, apesar de Barthes claramente alegar ingênuo o projeto de comunicação empreitado pelo *escrevente*⁹.

Transpondo essa categorização para o âmbito de nossa pesquisa, para o objeto de nossa atenção, e considerando os diferentes matizes que distanciam o *escritor* do *escrevente*, poderíamos afirmar que, justamente por se tratar de cursos de Comunicação, as

⁹ Pois o que define o escrevente é que seu projeto de comunicação é ingênuo: ele não admite que sua mensagem se volte e se feche sobre si mesma, e que se possa ler nela, de um modo diacrítico, outra coisa além do que ela quer dizer: qual escrevente suportaria que se psicanalisasse sua escritura? Ele considera que sua palavra põe termo a uma ambiguidade do mundo, institui uma explicação irreversível (...), ou uma informação incontestável (...); enquanto para o escritor é exatamente o contrário: ele sabe perfeitamente que sua palavra, intransitiva por escolha e por labor, inaugura uma ambiguidade, mesmo se ela se dá como peremptória, que ela se oferece paradoxalmente como um silêncio monumental a decifrar (...). (BARTHES, 2013, p.36)

práticas de ensino se voltariam principalmente para a melhoria do ofício do *escrevente*. O comunicador precisa comunicar algo. Sejam jornalistas, radialistas, publicitários, relações-públicas, o traço teleológico em sua atividade profissional – e, conseqüentemente, em sua leitura e escrita – está bastante definido, explicitamente dado e, em muitas circunstâncias, sequer é pensado. No entanto, não deixando de reconhecer a importância dessa formação instrumental e do uso eficaz da palavra, a escrita literária, parece apresentar outra perspectiva ao comunicador. Uma perspectiva que intuitivamente o leva a perguntas – inclusive sobre seu próprio ofício, sobre as finalidades de suas atividades enquanto comunicador –, que pode desestabilizar certezas, que incita a reflexão e pode operar transformações várias.

Não se quer fazer aqui a defesa de um em detrimento do outro. O ideal seria haver um livre trânsito entre as duas postulações (*escritor* e *escrevente*) e a literatura figurar também como dispositivo para alimentar o *escritor* (e, por que não, o *escrevente*) nos comunicadores. Pensando desta maneira, estaríamos nos beneficiando do que Barthes nomeou de “função de complementaridade” desencadeada pela literatura, em que o sujeito seria ao mesmo tempo *escrevente* e *escritor*, ainda segundo ele, um *tipo bastardo*¹⁰, técnico o suficiente para atender às demandas da contemporaneidade, mas herdeiro longínquo do Maldito, do Feiticeiro das Palavras.

Em outros ensaios – “Literatura literal” e “Literatura e descontínuo”, Barthes irá ressaltar outros dois aspectos importantes imbricados nos textos literários e na comunicação: respectivamente a ambigüidade e o descontínuo. A ambigüidade estaria diretamente relacionada à característica literária (já citada por ele em outros textos) da pergunta sem resposta:

(...) todo autor (..) é, acerca de sua própria obra, constitutivamente ambíguo: além disso, é evidente, sua obra muda, e é um direito seu. E é, no fundo, essa ambigüidade que interessa, é ela que nos concerne, é ela que carrega o sentido histórico de uma obra que parece recusar peremptoriamente a história. Qual é esse sentido? O próprio avesso do sentido, isto é, uma *pergunta*. O que significam as coisas, o que significa o mundo? Toda literatura é essa pergunta, mas é preciso imediatamente acrescentar, pois é o que faz a sua especialidade: é essa pergunta menos sua resposta. (BARTHES, 2013, p.107)

¹⁰ Em suma, nossa época daria à luz um tipo bastardo: o escritor-escrevente. (BARTHES, 2013, p.38)

A leitura de textos literários envolveria, segundo ele, a capacidade (e talvez a função) de derramar perguntas “menos a resposta” ao leitor, o que faria com que este se deslocasse de uma postura assertiva para outra interrogativa ou que tentasse preencher as lacunas impostas pela leitura literária com respostas próprias, o que incitaria sua percepção e reelaboração de ideias, quadraturas ideológicas, pensamentos. Uma imagem interessante que Barthes traz quando se refere à literatura é a da *decepção*¹¹. Ao invés de trazer alento ao leitor, lançaria a ele perguntas, incentivaria deslocamentos e desconstruções, enfim, traria desconforto, desestabilizaria.

Em *O prazer do texto*, o autor, ao distinguir a leitura de prazer (confortável) da leitura de fruição (que causa estranhamento), ressalta o corte, o *fading*, a perda que a leitura literária ocasiona no leitor (BARTHES, 1993). Já o descontínuo seria um traço inerente ao ato comunicativo humano, uma vez que esta lida com linguagens e signos mobilizados incessantemente (no intuito de transmitir, informar, convencer, ilustrar, defender, argumentar) na tentativa de preencher o descontínuo existente em toda e qualquer comunicação. No entanto, o como isso é feito importa tanto quanto o que é de fato comunicado¹². A singularidade das mobilizações dos signos à disposição de quem se propõe a comunicar advém de sua capacidade de perceber os efeitos alcançados por essa ou aquela conjuntura sintática, lexical, semântica. O sentido está engendrado pela forma. Pelas escolhas linguísticas feitas pelo enunciador, pelo comunicador, é que emergirão dos sistemas de linguagem ininterruptos e infinitos, formas e sentidos. Nesse aspecto, a leitura de textos literários proporciona contato com diferentes mobilizações realizadas por escritores que exaustivamente desbravaram o reino das palavras e da linguagem verbal. Barthes dessacraliza um pouco a literatura ao enxergá-la como parasita da linguagem enquanto sistema, mas enfatiza sua perspicácia e fugacidade, justamente por se situar nesse entremeio dialético:

Existe um estatuto particular da literatura que consiste nisto; ela é feita com linguagem, isto é, com uma matéria que já é significativa no momento em que a literatura dela se apodera: é preciso que a

¹¹ (...) talvez seja possível um dia descrever toda a literatura como a arte da decepção. A história da literatura não será então mais a história das respostas contraditórias trazidas pelos escritores à pergunta do sentido, mas pelo contrário a história da própria pergunta (BARTHES, 2013, p.107).

¹² O descontínuo é o estatuto fundamental de toda comunicação: só existem signos discretos. O problema estético consiste simplesmente em saber como mobilizar esse descontínuo fatal, como lhe dar um sopro, um tempo, uma história. (BARTHES, 2013, p. 122)

literatura deslize para um sistema que não lhe pertence, mas que funciona apesar de tudo com os mesmos fins do que ela, isto é: comunicar. Disso decorre que os debates da linguagem e da literatura formam de certo modo o próprio ser da literatura estruturalmente, a literatura é apenas um objeto parasita da linguagem; quando se lê um romance não se consome primeiro o significado “romance”; a ideia da literatura (ou de outros temas que dependem dela) não é a mensagem que se recebe; é um significado que se acolhe a mais, marginalmente; a gente o sente flutuar vagamente numa zona paróptica; o que se consome são as unidades, as relações, em suma, as palavras e a sintaxe do primeiro sistema (que é a língua [...]); e, no entanto, o ser desse discurso que se lê (seu “real”) é mesmo a literatura, e não a anedota que ele nos transmite; em suma, aqui, é o sistema parasita que é o principal, pois ele detém a última inteligibilidade do conjunto: por outras palavras, ele é que é o “real”. Essa espécie de inversão astuciosa das funções explica as ambiguidades bem conhecidas do discurso literário: é um discurso no qual se acredita sem se acreditar, pois o ato de leitura se funda num torniquete incessante entre dois sistemas: vejam minhas palavras, sou linguagem; vejam meu sentido, sou literatura. (BARTHES, 2013, pp. 170-171)

Esse lugar, incômodo e híbrido, talvez seja o que caiba ao leitor e escritor comunicador. Se por um lado ele não pode deixar de apreender um saber utilitário e técnico que circunda sua área de especialização, talvez seja igualmente importante fomentar outros olhares, outras vivências e experiências (reais ou fictícias) que não lhe deixem, inclusive, relegado estritamente aos conteúdos e saberes cientificistas e finalidades mercadológicas. Para além das implicações na leitura e na escrita, como a profecia do anjo sombrio drummondiano ou a obscura janela baudelairiana, a literatura contribuiria para fazer ver e perceber o mundo por intermédio de uma “consciência literária”, quiçá um pouco amarga, é verdade, mas relevante enquanto contraponto à comunicação mais efêmera ou técnica.

Referências bibliográficas

BARTHES, R. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

CANDIDO, A. “A literatura e a formação do homem”. In: **Ciência e Cultura**, v.24, n.9, São Paulo, 1972.

_____. “O direito à literatura”. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHARTIER, R. (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

ECO, U. “Sobre algumas funções da literatura”. In: **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

JOUVE, V. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LIPOVETSKY, G. e SERROY, J. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **A cidade das palavras: as histórias que contamos para saber quem somos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

REZENDE, N. L. de. “Implicações das modalidades narrativas ficcionais para o ensino”. In: REZENDE; RIOLFI e SEMEGHINI-SIQUEIRA (Org.). **Linguagem e educação: implicações técnicas, éticas e estéticas**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

REZENDE N. L. e ROUXEL, A. (Orgs.) **O sujeito leitor – leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

SOARES, M. H. **Práticas de leitura no teatro de grupo: aproximações com a escola**. Tese de Doutorado (FEUSP). São Paulo, 2014.